

Espacialização e interiorização jesuítica no Alto Rio Paraná a partir da historiografia combinada ao patrimônio arqueológico testemunho

Jesuit spatialization and interiorization in the Upper Paraná River based on historiography combined with archaeological heritage testimony

Júlia Araújo Carvalho*, Beatriz Mercês de Souza dos Santos**, Diana Mirela da Silva Toso***

* Doutoranda em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista - FCLAr/Unesp, julia.araujo@unesp.br

** Doutoranda em Geografia, Universidade Estadual Paulista - FCT/Unesp, beatriz.merces@unesp.br

*** Doutora em Geografia, Universidade Estadual Paulista - FCT/Unesp, dianamstoso@gmail.com

<http://dx.doi.org/10.5380/raega.v63i1.97401>

Resumo

A historiografia nacional relacionada a temática negra e indígena tem por característica o ocultamento histórico de muitos acontecimentos e perspectivas, tendo como consequência a inexistência e/ou imprecisão dos dados acerca do passado de relações e resistências em todo o território nacional. Ao nos depararmos com o patrimônio arqueológico testemunho da presença jesuítica no Alto Rio Paraná em sua porção paulista e a inexistência de suporte documental dessa presença, fomos conduzidos a um trabalho de investigação direcionada que nos aportasse a compreensão (ainda que parcial) dos processos de avanço das missões jesuíticas nesta região. Para isso, foi realizado um levantamento de diversos testemunhos (materiais e documentais) que registram a presença de jesuítas na bacia do Alto Rio Paraná. Os quais foram associados à análise da disposição na paisagem dos Sítios Arqueológicos Alvim, Taquaruçu e Castelinho. Com esta análise identificamos correlações entre os caminhos utilizados pelos invasores europeus, os sítios arqueológicos analisados e as áreas relatadas nos documentos oficiais como domínio das Reduções de Santo Inácio (1610) e Nossa Senhora do Loreto (1610). Como produto deste intenso trabalho que só foi possível na coletividade, esperamos instigar os leitores a unirem-se a nós em parceria para seguir desvelando os aspectos ocultos do patrimônio arqueológico do vasto Rio Paraná.

Palavras-chave:

Guarani, Jesuítas, Patrimônio arqueológico, Análise da paisagem.

Abstract

National historiography related to black and indigenous issues is characterized by the historical concealment of many events and perspectives, resulting in the inexistence and/or inaccuracy of data about the past of relations and resistance throughout the national territory. When we came across the archaeological heritage that bears witness to the Jesuit presence in the Upper Paraná River in its São Paulo portion and the lack of documentary support for this presence, we were led to a targeted investigation that would provide us with an understanding (albeit partial) of the processes of advancement of the Jesuit missions in this region. To this end, we conducted a survey of various testimonies (material and documentary) that record the presence of Jesuits in the Upper Paraná River basin. These were associated with an analysis of the layout of the Alvim, Taquaruçu and Castelinho archaeological sites in the landscape. With this analysis, we identified correlations between the paths used by the European invaders, the archaeological sites analyzed and the areas reported in official documents as the domain of the Reductions of Santo Inácio (1610) and Nossa Senhora do Loreto (1610). As a product of this intense work, which was only possible collectively, we hope to encourage readers to join us in a partnership to continue uncovering the hidden aspects of the archaeological heritage of the vast Paraná River.

Keywords:

Guarani, Jesuits, Archaeological heritage, Landscape analysis.

I. INTRODUÇÃO

O Rio Paraná corresponde ao segundo maior rio da América do Sul e é formador da bacia do Prata, que desde o Holoceno foi densamente ocupada por diferentes povos. Os sítios arqueológicos atestam que esse rio e seus afluentes foram utilizados durante o período pré-colonial pelos diferentes povos indígenas que habitam e habitaram essa região, como os povos Jê e Tupi-Guarani (Kashimoto, 1992; Faccio, 2019; Moraes, 2011).

São diversos os registros documentais que se somam aos registros arqueológicos e testemunham a utilização do Rio Paraná e seus afluentes, podendo ser identificada em Taunay (1924; 1925; 1937), bem como em Montoya (1985), além do processo de interiorização da invasão europeia¹ na América do Sul, desde o segundo quartel do século XVI (Carvalho, 2023; Santos, 2022; Zuse, 2009; Thomaz, 1996; Faccio, 1992).

Esse processo teve como estrutura as Reduções Jesuíticas, estabelecidas com o intuito da “salvação espiritual” dos indígenas e da demarcação do território fronteiriço espanhol, no intento de deter a expansão dos lusos sobre a região do Rio da Prata, a partir do Tratado de Tordesilhas, sendo reconhecidas como um dos principais testemunhos do processo de invasão europeia (Bogoni, 2009).

¹ Partindo dos princípios da pesquisa pautada na não violência (Carvalho, 2021), assumimos a importância da não reprodução de violências e ocultações históricas. Ao longo deste trabalho, portanto, foi adotada uma linguagem de responsabilização e denúncia dos violentos processos iniciados no século XVI em terras latino-americanas e que, infelizmente, seguem até hoje. Sendo assim, não reproduziremos adjetivos que imputem a invasores, agentes da morte de tantas etnias, o status de heróis desbravadores.

No Alto Rio Paraná, os registros históricos das Reduções de Santo Inácio Menor (1610) e Nossa Senhora do Loreto (1610), estabelecidas no Baixo Paranapanema na margem paranaense desse rio destacam-se. Essas Reduções, segundo Lugon (1968), Facchini e Neves (1998), eram sempre construídas em um mesmo plano: tinham uma praça central, por volta de 130 metros de extensão, em torno era construída uma igreja, além de uma casa frequentada por viúvas e órfãos, bem como uma escola, que era frequentada pelos indígenas de até 12 anos, onde estudavam guarani, espanhol e latim (Rios, 2019).

Na margem paulista do Rio Paranapanema, Faccio (1992), Thomaz (1996) e Santos (2022) registraram três sítios arqueológicos intitulados Alvim, Taquaruçu e Castelinho, respectivamente, com cerâmicas que atestam, segundo a bibliografia, possível contato entre os jesuítas e os indígenas, tendo a presença de decoração plástica escovada, lábio plano, engobo vermelho na face interna e externa, alças e vaso em pedestal.

Na busca por compreender como se deu a espacialização e interiorização das missões jesuíticas nesta região e ponderando a diversidade de testemunhos que registram a presença de jesuítas na bacia do Alto Rio Paraná, analisamos a disposição na paisagem dos Sítios Alvim, Taquaruçu e Castelinho, identificando possíveis correlações com os caminhos fluviais e entradas utilizadas pelos europeus/invasores e se essas localidades correspondem a áreas relatadas nos documentos oficiais como domínio das Reduções de Santo Inácio (1610) e Nossa Senhora do Loreto (1610) (**Figura 1**).

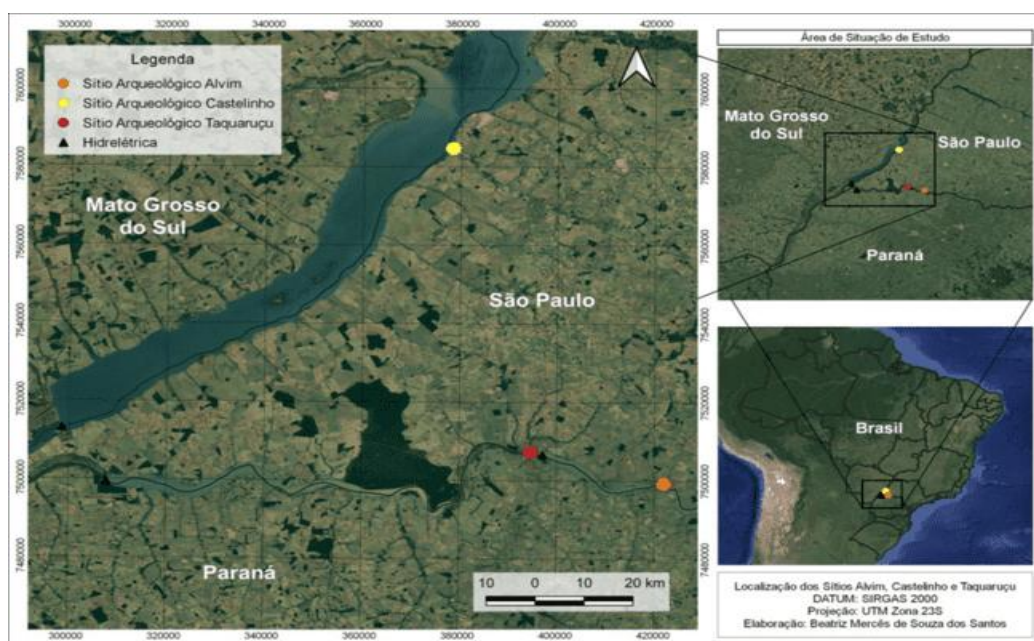


Figura 1 – Localização dos Sítios Arqueológicos Castelinho, Alvim e Taquaruçu (Presidente Epitácio - SP, Pirapozinho - SP e Sandovalina - SP) Fonte: DATUM SIRGAS (2000). Elaboração: Santos (2022).

O tema das Reduções Jesuíticas é pouco estudado pela Geografia, tendo mais referências históricas, arqueológicas e sociológicas. Por isso, a análise geográfica das Reduções, além dos sítios arqueológicos, é importante para compreender como ocorreu o processo de interiorização das missões na região do Alto Rio Paraná, bem como as relações espaciais estabelecidas pelos jesuítas aos indígenas Guarani.

Cabe, ainda, destacar que o tema das Reduções possui uma bibliografia com muitas contradições, o que também justifica a importância desse tema para a ciência, frente a uma bibliografia marcada pelo ocultamento histórico de muitos acontecimentos e perspectivas, tendo como consequência a inexistência e/ou imprecisão dos dados acerca do passado de relações e resistências em todo o território nacional.

Assim, pesquisas como a aqui apresentada, introduzem ao cenário acadêmico a potencialidade do debate transversal das ciências em busca da conformação de um cenário mais bem contextualizado a respeito da ocupação territorial durante o período seiscentista e setecentista (1610 a 1768) e que contribuem para pensar os tensionamentos na atualidade, bem como as resistências e resiliências culturais vivenciadas sobretudo no Alto Rio Paraná ao longo do tempo.

II. MATERIAIS E MÉTODOS

Em "A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo", Milton Santos (2002) define espaço como a acumulação desigual dos tempos, é dizer que a historicidade se manifesta invariavelmente no espaço, objeto de estudo próprio da geografia. Sendo assim, manifesta-se a necessidade de assumir a interdisciplinaridade e historicidade do espaço e sua paisagem ao debater as configurações e contradições geográficas observadas no presente (Lourenço, 2005; Silva 2008, 2012).

Tendo este como pressuposto balizador, na busca por compreender a espacialização e interiorização jesuítica no Alto Rio Paraná, utilizamos das seguintes metodologias: análise arquivística, que indica a importância da atenção constante aos interesses inscritos a cada produção documental que se tem acesso, conduzindo-nos a dar atenção especial às oclusões e incompatibilidades expressas na documentação brasileira (Nacuzzi, 2002); análise do material cerâmico dos sítios arqueológicos em questão, por meio da cadeia operatória de La Salvia e Brochado (1989) e o modelo de análise tecnotipológica de Faccio (1992), além da caracterização da paisagem, de acordo com Moraes (2011).

Para correlacionar os dados obtidos na análise arquivística e os resultados da análise dos sítios arqueológicos, foram gerados produtos cartográficos com a sobreposição desses dados, cujo resultado foi a

obtenção do mapeamento da possível área de Reduções a partir do Rio Paraná e delineamento da zona potencial de influência das Reduções de Santo Inácio e de Nossa Senhora do Loreto.

Análise técnico-tipológica e de cadeia operatória

Analizamos o material cerâmico de, aproximadamente, 615 peças, sendo 255 peças do Sítio Alvim, 153 peças do Sítio Castelinho e 207 peças do Sítio Taquaruçu, por meio da análise tecnotipológica proposta por Faccio (1992; 1998; 2011; 2017; 2020), que visa tornar os fragmentos cerâmicos na totalidade.

Para a análise, consideramos a técnica de manufatura; o antiplástico; espessura da parede das vasilhas; tipo de decoração e forma das vasilhas.

Além disso, abordamos a cadeia operatória de La Salvia e Brochado (1989), que consiste na obtenção de matéria-prima, técnica de processamento da pasta, o antiplástico, a manufatura, o acabamento superficial, a queima, a barbotina, a decoração, a utilização, podendo ser utilitária, especial ou exclusiva, o reuso e, por fim, o descarte. Todas essas etapas consistem na investigação da influência/interferência jesuítica na cultura material dos três sítios arqueológicos.

Caracterização da paisagem e padrão de disposição dos sítios arqueológicos

Admite-se na bibliografia o reconhecimento sistemático dos padrões espaciais (como se encontra a distribuição de sítios e artefatos) dos sítios arqueológicos - a identificação de um padrão de assentamento - pode auxiliar na compreensão de possíveis estratégias socioespaciais de antigas comunidades, que influenciaram na distribuição do povoamento pelo espaço geográfico (Morais, 2011).

Com essa análise espacial, pode-se inclusive reconhecer um Sistema Regional de Ocupação, que se constitui como sendo a coordenação entre sítios ou conjuntos de sítios de certa região, que podem demonstrar relações concomitantes por **contemporaneidade**, **similaridade** ou **complementaridade**.

Nesse sentido, para investigar uma possível correlação entre os sítios caracterizados como de influência jesuítica no estado de São Paulo e as reduções reconhecidas no estado do Paraná, consideramos a disposição dos sítios arqueológicos na paisagem, levando em conta principalmente o contexto geomorfológico e hidrográfico associado aos sítios analisados, a datação e as características dos materiais arqueológicos.

Análise documental

A análise documental consiste em uma pesquisa que se utiliza de fontes primárias de informação e é dotada de três etapas: pré-análise, organização documental e resultados.

A primeira etapa categorizada como pré-análise ou análise prévia, busca por todo material bibliográfico referente ao tema em foco, nesta etapa, filtram-se das referências bibliográficas as fontes primárias de

informação e se verifica a confiabilidade dos dados. A segunda etapa consiste na organização documental, seleção das fontes primárias a serem trabalhadas e análise individual de cada elemento. A terceira etapa consiste na análise dos resultados, uma análise conjunta de todo o material levantado, com produção de uma síntese cuidadosa dos dados obtidos. Por fim, realiza-se a verificação do material final, a fim de minimizar a postura de escrita tendenciosa (Carvalho, 2021, *apud* Ludke; André, 1986).

Sistematização de dados

A síntese de dados foi produzida a partir da sistematização de quadros analíticos que agrupasse os dados advindos das análises documental, geomorfológica e material das coleções arqueológicas estudadas, de modo a produzir um cenário favorável à verificação de padrões de interiorização territorial por parte dos jesuítas, bem como as possíveis estratégias de relacionamento e atração dos povos originários.

Foram aplicados modelos espaciais em SIG a partir dos dados historiográficos que apresentaram descrições sobre área de influência das Reduções Jesuíticas. Esses modelos foram mantidos ou não, a partir da análise conjunta da morfologia territorial e das datações existentes dentre as coleções arqueológicas disponíveis. Por fim, foram elencadas as limitações analíticas e produziu-se uma análise ponderada dos cenários regionais, de modo a potencializar pesquisas futuras.

Produtos imagéticos

Os produtos imagéticos foram criados a partir dos dados filtrados nas etapas de levantamento bibliográfico e análise documental, utilizando os corpos d'água do estado de São Paulo e imediações, identificados na literatura referente a presença jesuítica no período compreendido entre os séculos XVII e XIX, bem como das bacias hidrográficas correspondentes aos mesmos. Além disso, selecionamos dois Sítios Arqueológicos reconhecidamente jesuíticos para base de análise comparativa entre os sítios arqueológicos por nós analisados e dados historiográficos referentes a padrões de alocação de empreendimentos jesuíticos, bem como marcos geoespaciais convencionados como o traçado imaginário do Tratado de Tordesilhas.

As localidades documentadas na bibliografia consultada se utilizavam das seguintes unidades de medida: braça e légua. Tanto os documentos produzidos pela coroa portuguesa, quanto os documentos produzidos pelo movimento missionário jesuítico espanhol se utilizaram de ambas as unidades de medida, sendo os documentos mais antigos redigidos em braças e os documentos redigidos a partir do segundo quartel do Século XVIII redigidos em léguas. Para a padronização dos produtos imagéticos presentes neste artigo, adotamos a conversão de 545 braças equivalentes a 1 quilômetro e de 1 légua para 4,2 quilômetros.

Além disso, consideramos como rio principal o Rio Paranapanema, onde se geraram dois cenários de influência. Para o primeiro admitimos os 96,5 km do rio principal e para o segundo 36,5 km a partir da redução reconhecida (N.^a Sr.^a do Loreto e Santo Inácio Mini) para verificar o potencial de interiorização.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As Reduções Jesuíticas

Segundo os autores Blasi, La Pastina Filho e Pontes Filho (1989), durante a invasão da América do Sul por parte dos portugueses e espanhóis, entre o século XVI e início do século XVII, estabeleceu-se a província do Guairá. Essa região pode ser compreendida como a expressiva porção territorial do estado do Paraná e deixou marcas na conformação geopolítica da porção meridional da América do Sul, como as tentativas de urbanização da região, por meio do estabelecimento de vilas e núcleos de conversão e reduções, praticadas por espanhóis e religiosos da Companhia de Jesus e a reação incisiva dos portugueses a esses propósitos com as bandeiras paulistas, que causaram a morte e escravização de indígenas frente a expansão territorial lusa.

Essa reação provocou total abandono da região por parte dos espanhóis, ocasionando, também, o deslocamento de inúmeros indígenas para fora do Guairá, que ficou praticamente abandonado a partir de 1632 (Rios, 2019).

Alguns desses remanescentes foram localizados

[...] tais como Cidade Real do Guairá, na foz do rio Piriqui no Paraná; Vila Rica do Espírito Santo, na foz do rio Corumbataí no Ivaí e das Reduções de Nossa Senhora do Loreto, na foz do rio Pirapó no Paranapanema, e de Santo Inácio Mini, na foz do Rio Santo Inácio, também no Paranapanema. Outros assentamentos, devido a inúmeros fatores, particularmente em consequência da expansão das fronteiras agrícolas, não puderam ser até agora localizados (Blasi; La Pastina Filho; Pontes Filho, 1989, p. 236).

As Reduções de Santo Inácio (1610) e Nossa Senhora do Loreto (1610), estabelecidas no Baixo Paranapanema (PR), caracterizavam-se como missões longitudinais estabelecidas distando até 20 léguas (aprox. 96,5 km) de seu rio principal e podendo se interiorizar por 8 léguas (aprox. 38,6 km) por meio de seus afluentes, tendo como objetivo reduzir a zona de locomoção dos grupos étnicos ali reunidos, reservando área suficiente para manutenção da vida em suas demandas cotidianas; bem como garantir a interiorização das missões de modo a estabelecer potenciais vilas espanholas mais próximas aos limites definidos pelo Tratado de Tordesilhas (Taunay, 1924; 1937).

O êxito de tais empreendimentos, chamou a atenção dos bandeirantes que, a partir de 1618, passaram a investir fortemente em campanhas de devassa de tais Reduções Jesuíticas, uma vez que estas representavam inúmeros indígenas reduzidos em um mesmo local, 'amansados' pela catequização em curso, já introduzidos à língua geral e relativamente habituados à agricultura. Elementos que tornavam tais expedições muito interessantes pelos ganhos potenciais derivados da captura e comércio desses indivíduos indígenas como força de trabalho escravizada (Taunay, 1924; 1925; Rios, 2019).

De igual modo, quando se consulta a literatura documental do período setecentista, observa-se que, a partir da notícia acerca do êxito da instalação das Reduções de Nossa Senhora do Loreto e Santo Inácio Menor, os bandeirantes paulistas passaram a ter maior financiamento para incursões de desestruturação e rapto de indígenas.

No momento desses encontros (de 1628 a 1638), a literatura não descreve a existência de estruturas jesuíticas no atual território paulista contíguas às estruturas do norte do atual estado do Paraná; essa ausência, no entanto, pode ter sido proposital de modo a aumentar os ganhos derivados da bandeira (ora, o território paulista foi tão bem protegido que os jesuítas se quer aqui pisaram), até porque, existem registros da presença de jesuítas em missão pela Coroa espanhola na cidade de São Vicente no ano de 1616 (Taunay, 1924; Carvalho, 2023).

Outro elemento que nos conduz a considerar a possibilidade dos domínios jesuítas adentrarem o atual território paulista, se encontra na descrição dos caminhos utilizados pelos bandeirantes para atingir as Reduções, somado aos caminhos adotados como rota de fuga dos jesuítas com os indígenas remanescentes (**Figura 2**).

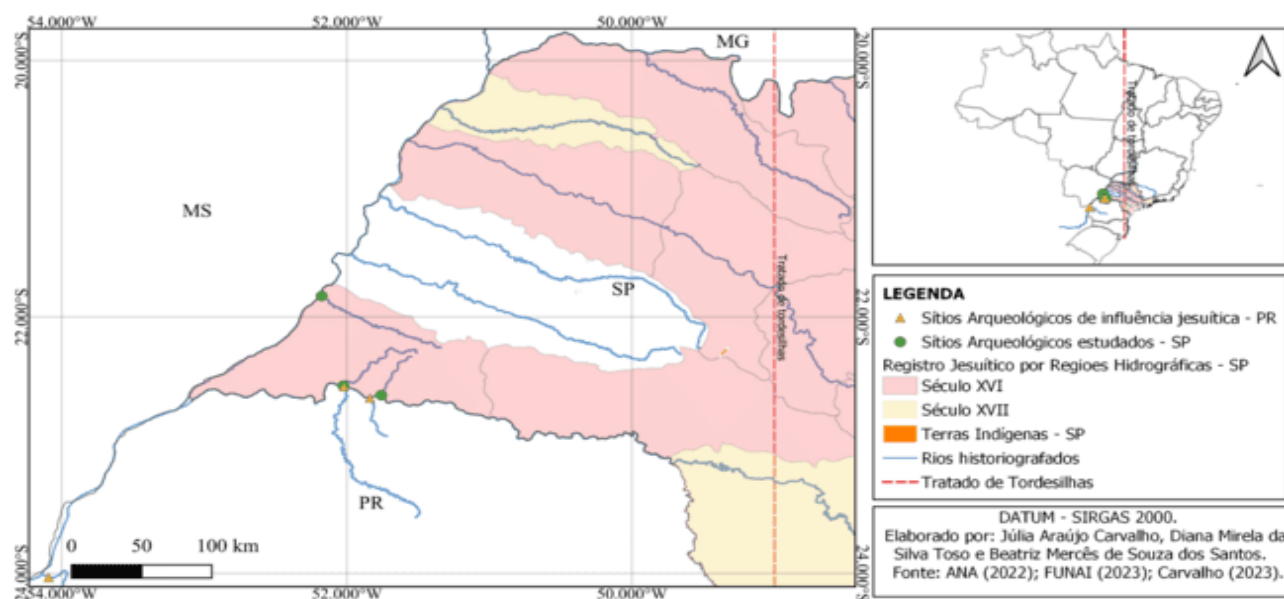


Figura 2 – Caminhos fluviais conhecidos pelos jesuítas no atual estado de São Paulo e período correspondente de uso.

Dentre os principais caminhos utilizados pelos paulistas, temos a rota que sai de São Vicente em comitivas terrestres (muladas) rumo ao Paranapanema, que passa a ser caminho fluvial na altura do atual município de Ourinhos, adentrando o território do Paraná pelo Tibagi e, posteriormente, pelo Pirapó (Reduções de Nossa Senhora do Loreto e Santo Inácio Menor) ou ainda pelo Tibagi (Guairá); enquanto a rota de fuga, tem-se o registro de que foi utilizada a Serra do Diabo e refúgios do Ivinheima, até que fosse possível descer pelos caminhos já estabelecidos pelos rios Ivaí e Tibagi, rumo ao Rio Grande (RS) (Taunay, 1925, 1937).

Portanto, para compreender como se deu a presença dos jesuítas na margem esquerda do Rio Paraná (margem paulista), abordamos as reduções de Nossa Senhora do Loreto e Santo Inácio Menor como ponto de referência para pensar a extensão e expansão da área de influência dos jesuítas na redução dos povos indígenas que habitavam nesse período o Alto Rio Paraná.

Por meio da análise arquivística, identificamos ainda que um importante fator para o avanço das missões no território foi a navegabilidade dos rios. Há menções diretas a dificuldade do avanço da interiorização se utilizando exclusivamente do rio Paraná, de modo que seus afluentes foram continuamente utilizados, com vistas a seguridade do fortalecimento dos limites hispânicos frente ao avanço luso. Os registros históricos relatam o uso estratégico dos rios Tibagi, Guairá e Paranapanema, sendo este último fronteira fluvial e caminho de expansão potencial, que logo teve de entrar em desuso devido às reações paulistas.

A seguir apresentamos uma sistematização de caminhos fluviais utilizados e/ou conhecidos, tanto por agentes da colonização espanhola, quanto pela junção de agentes da colonização espanhola e portuguesa, no

intervalo temporal que vai desde 1492, com a pseudo descoberta das Américas, até 1759, com a expulsão das ordens jesuítas do Brasil e de todas as colônias portuguesas.

Tabela 1 – Caminhos fluviais utilizados em contexto jesuítico no Brasil e Fontes de descrição.

Período do registro	Fonte	Rio/Trecho
SÉC. XVI	TAUNAY (1937); MONTOYA (1985); RIOS (2019)	1.Rio Tietê 2.Rio Paraná 3.Rio Paraguai 4.Rio da Prata 5.Rio Uruguai 6.Rio Pardo 7.Rio Pirapó
SÉC. XVII	TAUNAY (1924, 1925)	1. Avandava 2.Rio do Peixe 3.Rio Turvo 4.Rio Grande 5.Rio Pardo 6.Alto Rio Tietê 7.Rio Panema 8.Rio Paranapanema
SÉC. XVIII	MONTOYA (1985) TAUNAY (1937, 1943)	1.Rio Paraguai 2.Rio da Prata 3.Rio Pardo 4.Rio Grande 5.Serra do Diabo

Fonte: Carvalho (2023). Organização: As autoras.

Além de registrar as vias de interiorização das missões jesuíticas, Taunay (1924; 1937), bem como Rios (2019), resgatam arquivos sobre as estratégias de instalação das Reduções Jesuíticas no território, nos fornecendo elementos para elaboração de modelos de inferência do que chamamos de “potencial área de influência das Reduções Jesuíticas”, bem como modelos de padrão de assentamento dos empreendimentos jesuíticos em contexto local.

Os registros de Taunay nos fornecem ainda dois dados acerca da implementação de estruturas arquitetônicas no contexto espaço-temporal analisada, sendo uma sobre as incursões de interiorização dos bandeirantes paulistas e outra sobre os mecanismos de disposição das reduções no território (Taunay 1925, 1927).

Sobre o movimento das bandeiras, indica-se que “em pontos de difícil navegabilidade, se indicava o estabelecimento de postos de abastecimento distantes de 300 braças a 20.000 braças do corpo principal” (Taunay, 1927, p.86); estratégia parecida adotavam os missionários jesuítas que deveriam estabelecer preferencialmente as reduções de modo paralelo ao corpo hídrico de referência “em disposição tal que a capela ocupasse o centro da estrutura nuclear e dela fosse possível observar a foz do rio” (Taunay, 1925, p.127) e ser visto por grupos que vivessem nas adjacências, de modo a instigá-los a aproximação, trocas e adesão ao sistema de redução jesuítico. Segundo os registros, cada redução não deveria possuir mais de 1.000 braças de extensão inicialmente, mas deveria alçar interiorizações em até 20.000 braças longitudinais (Taunay, 1925, p. 123 - 156).

Foi a partir desse dado de interiorização potencial das reduções que produzimos os modelos expressos pela **Figura 3**, definindo áreas de influência de 96,5 km a partir das reduções reconhecidas.

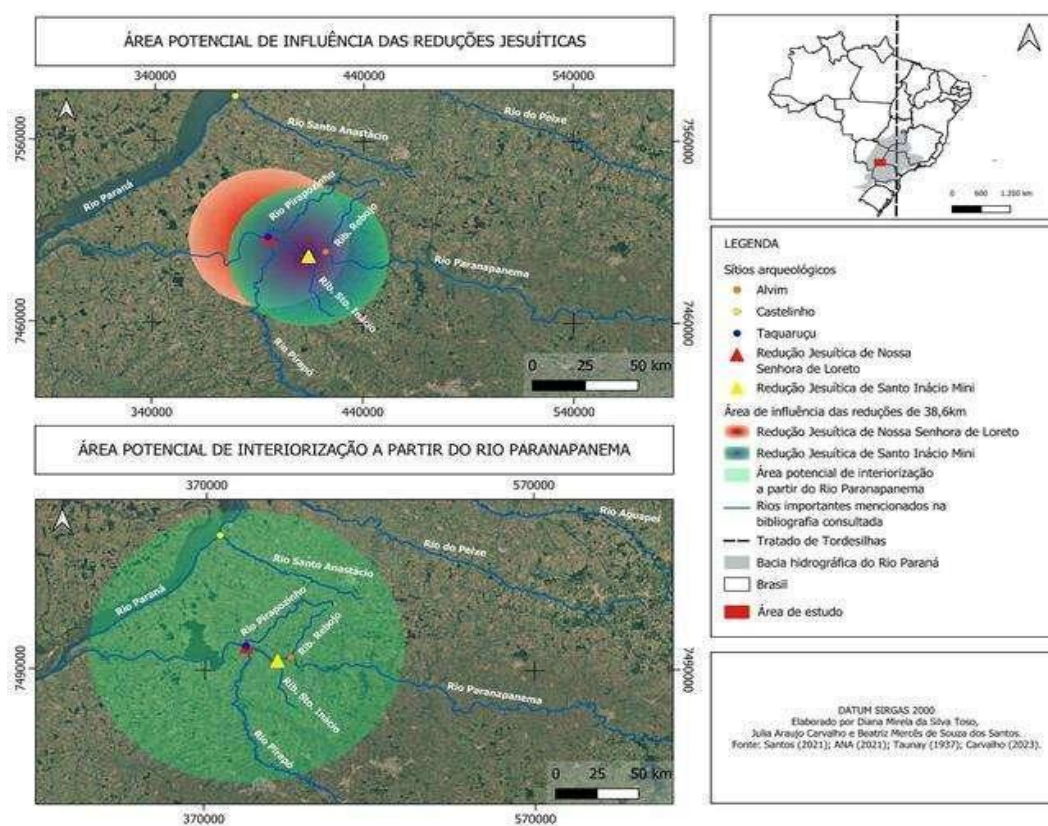


Figura 3 – Áreas de influência das reduções jesuíticas de Nossa Senhora de Loreto e Santo Inácio Mini, considerando o raio de influência de 38,6 km e área de interiorização a partir do Rio Paranapanema.

Tais caminhos sobrepõem a área dos Sítios Arqueológicos Alvim e Taquaruçu, localizados na margem paulista do Rio Paranapanema, identificados por Faccio (1992) e Thomaz (1996) como sítios com características de influência jesuítica na sua cultura material, bem como os registros históricos evidenciados por Chmyz (1976). Ainda, essa área de influência abrange a região do Sítio Arqueológico Castelinho que, apesar de não apresentar registro histórico de presença jesuítica na região, apresenta essas características em sua cultura material, sendo bem semelhantes aos Sítios Alvim e Taquaruçu (Santos, 2024).

Sítios Arqueológicos

É justamente na área correspondente a tais reduções e suas zonas de potencial expansão que, encontram-se os três sítios arqueológicos analisados nesse trabalho – Sítio Arqueológico Alvim, Castelinho e Taquaruçu – todos classificados como Tradição Tupiguarani, grupo indígena Guarani com características de influência/interferência jesuítica.

Os missionários chegaram ao Peru em 1568, ao México em 1572 e em Assunção, no Paraguai, em 1587. Foi criada, em 1553, a Província da Companhia de Jesus no Estado do Brasil e os jesuítas optaram pelo Sul, onde fundaram a Vila de São Paulo de Piratininga, em 1554. O início oficial da ação jesuítica foi entre 1598 e 1621, com a fundação das Reduções dos Guarani (Zuse, 2009).

Em 1639 foi estabelecida a Vice Província do Grão-Pará e Maranhão, além do Norte do Paraná. Nessa região, a primeira província criada foi a do Paraguai, com sede em Assunção, começando, assim, a instalação das reduções indígenas (Bogoni, 2009). Dessa forma, foram estabelecidas as Missões Religiosas no Paraguai e, em seguida, os Jesuítas se estenderam por todo o espaço Guarani.

A partir da política colonial, a Província do Paraguai foi dividida nas regiões das fundações da Frente Missionária do Guairá, na Frente Missionária do Paraguai, na Frente Missionária do Itatim, na Frente Missionária do Uruguai e na Frente Missionária do Tape (Zuse, 2009).

De acordo com Bogoni (2008), se para os jesuítas as Reduções significavam parte do plano de conquista, para os indígenas significava mudanças no seu modo de vida, já que, com o deslocamento de seu território para a Redução, os Guarani perdiam a sua liberdade de locomoção, submetidos a um território colonial, cristão e, ainda, restrito. Assim, uma nova organização do espaço atingiu o modo de viver Guarani: com vistas a instituir a família monogâmica, “os missionários substituem a grande casa comunal que abrigava a casa extensa Guarani, unidade fundamental de sua sociedade, por habitações nucleares, onde mora apenas uma família, o pai, a mãe e os filhos” (Zuse, 2009, p. 21).

Segundo Zuse (2009), se modificou ainda o espaço social da dança, da festa e das bebedeiras, que foram proibidas. O centro da aldeia é então representado pela igreja, que ostenta a beleza e a casa dos padres, além dos enterramentos, passaram a ser feitos em covas rasas e não mais em urnas funerárias. Foi iniciada a produção de roças em grande escala e de diferentes tipos de vegetais, não mais conforme às necessidades dos Guarani, afetando também sua cultura material.

De acordo com Faccio (1992), como exemplo dessas modificações nos artefatos da cultura material Guarani, após o contato, está a presença de apêndices – ou alças – e a decoração escovada na cerâmica. Zuse (2009) relata a preferência dos missionários jesuítas pelo acabamento de superfície da cerâmica no tipo liso, com engobo vermelho e a granulometria do antiplástico mais fina, originando a uma pasta lisa e homogênea. Essa interferência pode ser observada na cultura material dos sítios analisados na área de interesse deste trabalho.

No Vale do Rio Paranapanema, os Sítios Arqueológicos Alvim e Taquaruçu, também foram estudados por Faccio (1992) e Thomaz (1996), respectivamente. No Rio Paraná, o Sítio Arqueológico Castelinho, igualmente possui cultura material que atesta influência jesuítica. Apesar dos sítios terem características na sua cultura material que representam influência/interferência jesuítica, até o momento não foi possível associar a localização desses sítios como sendo Reduções, considerando apenas a análise das cerâmicas (Santos, 2022).

O Sítio Arqueológico Castelinho está localizado no município de Presidente Epitácio–SP, na região do alto curso do Rio Paraná, próximo à foz do Rio Santo Anastácio e foi impactado pela formação do lago da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta. Por isso, grande parte dos fragmentos do sítio arqueológico estão submersos.

O Sítio Arqueológico Alvim está localizado no município de Pirapozinho–SP, na margem do Rio Paranapanema, próximo à foz do Ribeirão Rebojo e foi impactado pela Usina Hidrelétrica Taquaruçu. Já o Sítio Arqueológico Taquaruçu está localizado no município de Sandovalina–SP, na margem do Rio Paranapanema, próximo à foz do Ribeirão Pirapozinho e também foi impactado pela Usina Hidrelétrica Taquaruçu.

Para esse artigo, analisamos o total de 655 peças, que podem ser verificadas na tabela 2.

Tabela 2 – Classes analisadas dos Sítios Arqueológicos Castelinho, Alvim e Taquaruçu.

Classes/Sítios Arqueológicos	Castelinho	Alvim	Taquaruçu
Borda	42	177	22
Borda com suporte para tampa	0	1	0
Borda e parede	3	0	0
Borda, parede e base	6	12	0
Base	21	17	2
Parede	69	43	166
Parede e base	2	0	0
Parede Angular	7	5	17
Suporte para panela	1	0	0
Vaso com pedestal	1	0	0
Vaso com suporte para cabo	1	0	0

Fonte: Santos (2022). Organização: as autoras.

Com base na tabela, podemos observar que os sítios arqueológicos possuem uma grande quantidade de bordas, o que possibilita a reconstituição gráfica da possível forma das vasilhas. Ainda, o Sítio Castelinho apresenta um vaso com pedestal, suporte para panela e vaso com suporte para cabo.

Os sítios arqueológicos em questão, como já mencionado, possuem características que, segundo a bibliografia de Chmyz (1985), Faccio (1992), Thomaz (1996) e Zuse (2009) denotam influência/interferência jesuítica na sua cultura material, que pode ser observada na tabela 3.

Tabela 3 – Características de influência/interferência jesuítica nas cerâmicas dos Sítios Arqueológicos Castelinho, Alvim e Taquaruçu.

Características/Sítios Arqueológicos	Castelinho	Alvim	Taquaruçu
Decoração plástica escovada	19	1	39
Decoração com engobo vermelho na face interna e externa	17	1	1
Vaso com pedestal	1	0	0
Vaso com suporte para cabo	1	0	0
Lábios planos	0	17	2
Apêndices	0	2	1
Telhas	0	0	26

Fonte: Santos (2022). Organização: as autoras.

O Sítio Arqueológico Castelinho possui decoração plástica escovada, engobo vermelho na face interna e externa, vaso com pedestal e vaso com suporte para cabo. O Sítio Alvim possui decoração plástica escovada, engobo vermelho na face interna e externa, lábios planos e apêndices. Já o Sítio Taquaruçu possui decoração plástica escovada, engobo vermelho na face interna e externa, lábios planos, apêndices e telhas.

É a partir da convergência dos dados atestados neste trabalho que se pode corroborar com a hipótese de que os Sítios Alvim e Taquaruçu, de fato, são pelo menos, extensões das Reduções de Santo Inácio e Nossa Senhora do Loreto.

O Sítio Arqueológico Castelinho, por sua vez, encontra-se acima do limite oficial estabelecido pela historiografia como área de chegada dos Jesuítas no Rio Paranapanema. Entretanto, o sítio possui em sua cultura material a junção de elementos marcadamente característicos da presença jesuítica (base em pedestal, apêndices/alças e decoração plástica escovada) e ausência de telhas, tijolos e pregos, que denotavam uma tipologia de construção diferente às casas Guarani. Esses elementos somados às especificidades da cultura material nos conduzem a postular o Sítio Castelinho como a principal indagação e chave para compreensão dos processos e trocas entre grupos no Oeste Paulista.

Os sítios arqueológicos Alvim e Taquaruçu, localizam-se justamente no baixo curso do rio Paranapanema que, a partir das interpretações dos relatos, era o trecho mais utilizado desse rio (Taunay, 1924; 1927). Os três sítios arqueológicos Castelinho, Taquaruçu e Alvim, encontram-se em áreas de planície de inundação, próximos

ao encontro de afluentes com o rio Paraná (Sítio Castelinho) e com o Rio Paranapanema (Sítio Taquaruçu e Alvim). Esse padrão de assentamento se repete em outras áreas de reduções jesuíticas na margem esquerda do rio Paraná, sendo o caso, por exemplo, da vila espanhola "Ciudad Real del Guairá".

Tabela 4 – Padrão de assentamento dos sítios relacionados.

Sítio Arqueológico	Contexto hidrográfico	Compartimento Geomorfológico	Altitude
Castelinho	Foz do Rio Santo Anastácio com o Rio Paraná	Planície de inundação/Terraço	270 m
Taquaruçu	Rio Paranapanema a 625 m da foz do Rio Pirapozinho	Planície de inundação do Rio Paranapanema	270 m
Alvim	Foz do Ribeirão Rebojo com o Rio Paranapanema	Planície de inundação/Terraço	270 m
Nossa Senhora do Loreto	Rio Paranapanema a 680 m da foz do Rio Pirapó	Terraço do Rio Paranapanema	273 m
Santo Inácio Mini	Foz do Ribeirão Santo Inácio com Rio Paranapanema	Planície de inundação/Terraço	309 m

Fonte: As autoras.



Figura 4 – Comparativo entre o padrão de assentamento da Redução Jesuítica Nossa Senhora do Loreto e do Sítio Arqueológico Taquaruçu, bem como, Sítio Arqueológico Alvim e Redução Jesuítica Santo Inácio Mini, respectivamente. Fonte: As autoras, organizado a partir do Google Earth Pro (2022).

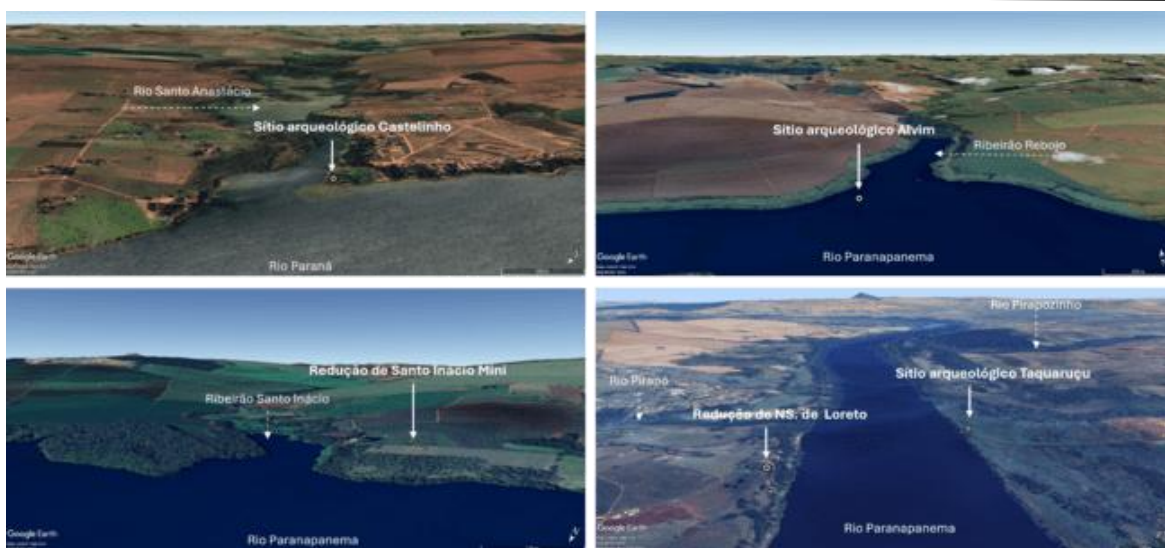


Figura 5 – Disposição dos sítios arqueológicos Fonte: As autoras, organizado a partir do Google Earth Pro (2022).

IV. CONCLUSÃO

Ao final de nosso processo reflexivo acerca dos Sítios Arqueológicos Alvim, Taquaruçu e Castelinho, foram produzidas mais perguntas do que respostas propriamente ditas.

Faz-se necessário ainda, ponderar uma série de elementos, sendo eles:

- Omissão de dados;
- Processo e tempo de gestão intra-sítio;
- Presença de dados conflitantes;
- Perda de dados de análise derivados de processos alheios ao nosso controle, como má conservação de registros documentais ou de bens arqueológicos;
- Inexistência de pesquisas que considerem a memória dos povos originários remanescentes na região, na construção de uma narrativa alternativa e/ou complementar aos dados documentais disponíveis.
- Ausência de estudos que correlacionam os conflitos e usos atuais do espaço geográfico com seus usos e conflitos pretéritos, não existindo assim um panorama histórico-político do Alto Rio Paraná em sua porção paulista.

Ainda assim, no que se refere ao passado, foi possível observar a existência de um padrão de assentamento jesuítico no Alto Rio Paraná e Baixo Paranapanema, regiões hidrográficas que, segundo a historiografia oficial, foram amplamente utilizadas pelos jesuítas espanhóis entre o terceiro quartel do século XVI e o segundo quartel do século XVII.

Identificou-se ainda que os sítios Alvim e Taquaruçu - sítios arqueológicos que apresentam todas as características diagnósticas de influência jesuítica - encontram-se nas imediações diretas das Reduções Jesuíticas de Santo Inácio e Nossa Senhora do Loreto, de modo a nos conduzir a considerá-las pelo menos extensões das Reduções Jesuíticas em questão, uma vez que nossa leitura coletiva entende os rios como possibilidade e não como limite, de modo que, os rios se apresentam como potencial de expansão de relações políticas e atuação jesuítica em momento inicial, podendo, posteriormente, configurar-se como caminho natural de expansão dominial da Redução original.

Nos utilizamos do termo “pelo menos”, porque nossa análise é localizada e para maior precisão seria preciso maior amostra de ocupações jesuíticas para verificar o padrão de assentamento em áreas de influência jesuítica; bem como a recorrência da verificação de material arqueológico em ambas as margens do rio, fortalecendo a leitura do rio como caminho de extensão dos domínios das reduções.

O Sítio Arqueológico Castelinho por sua vez, não apresenta telhas ou pregos e se encontra acima da linha limítrofe de avanço jesuítico fornecido pelos dados oficiais, de modo que, até o momento não temos elementos suficientes para classificá-lo como parte do mesmo bloco analítico dos sítios Alvim e Taquaruçu. No entanto, a datação por termoluminescência das cerâmicas deste sítio, revelou que se trata de um sítio ocupado entre 345 e 350 AP (anos antes do presente), podendo então ser classificado um sítio contemporâneo à instalação e funcionamento das Reduções de Santo Inácio Menor e Nossa Senhora do Loreto, nos restando ainda compreender qual o tipo e o nível de interação e/ou influência (bilateral) testemunhado por este sítio.

Além disso, o aprofundamento das leituras e contato com documentos do período imperial, acrescentam para o Sítio Arqueológico Castelinho a possibilidade deste configurar-se como sítio arqueológico de remanescente bandeirante, tendo como base os Decretos Imperiais de 31 de janeiro de 1849 e de 25 de abril de 1857, decretos estes que “fundam oito colônias indígenas para facilitar a navegação na bacia dos rios Paraná e Paranapanema e outras para a rota de São Paulo a Mato Grosso (21/05/1850)” (Cunha, 1982, p. 29).

Ao considerar a composição atual do recorte territorial analítico, foi possível reafirmar a leitura de Carvalho (2023, p.71) que define “a faixa territorial composta pelos Rios Paranapanema, Aguapeí e Peixe”, bem como o Rio Paraná entre estes trechos sendo “um grande território ancestral de resistência originária que, atualmente segue sendo uma das frentes de maior resistência (no âmbito rural) do Estado de São Paulo”.

Diante do exposto e admitindo as limitações materiais da pesquisa em tela, reivindicamos que para o encurtamento das distâncias entre nós e uma melhor compreensão das dinâmicas estabelecidas no passado

entre as pessoas que viviam, compunham e principalmente, produziam cotidianamente relações e territorialidades, faz-se urgente:

1. a valorização do uso de diferentes interfaces para análise de um mesmo fenômeno, como neste caso, em que os dados da cultura material são enriquecidos pela análise historiográfica e pela análise da disposição dos sítios arqueológicos;
2. a valorização dos rios e canais nos estudos socioculturais, uma vez que, a água é elemento vital e o acesso e relação com a mesma é elemento determinante na composição e organização de todas as comunidades;
3. assumir a centralidade do Alto Rio Paraná, sobretudo em sua porção paulista, para os estudos de resistência socioterritorial, evidenciado seja pela diversidade de sítios arqueológicos que testemunham o complexo processo histórico de ocupação e resistência, pelo lugar de ostracismo regional derivado de grupos étnicos diversos em resistência contínua, somada a condições desfavoráveis a penetração territorial, em síntese, é preciso valorizar e explorar o oeste paulista, pelas diferentes áreas do conhecimento.

Por fim, defendemos que, para além dos registros documentais, o patrimônio arqueológico é uma importante fonte de dados, considerando principalmente a parcialidade dos registros oficiais e seus silenciamentos, devendo ser mais valorizado pelos estudos geográficos, sobretudo em tempos de ofensiva do capital agrário sobre as lógicas territoriais originárias.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento de pesquisas que se desdobraram no presente artigo. Ao Museu de Arqueologia Regional (MAR) e sua equipe pelo acesso ao acervo e dados para desenvolvimento da pesquisa. Agradecemos ainda às contribuições e sugestões apresentadas pelos pareceristas que nos conduziram a potencializar os debates aqui apresentados.

V. REFERÊNCIAS

BLASI, O.; LA PASTINA FILHO, J.; PONTES FILHO, A. Primeiras Notícias sobre a descoberta dos vestígios do provável assentamento do tambo das minas de ferro na antiga província do Guairá. Estudos Ibero-Americanos, v. 15, n. 1, p. 235-244, 1989.

BOGONI, S. O discurso de resistência e revide em Conquista Espiritual (1639), de Antonio Ruiz de Montoya: ação e reação jesuítica e indígena na Colonização Ibérica da Região do Guairá. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2008.

CARVALHO, J. A. Do território originário ao confinamento territorial: uma análise histórico-cultural da política territorial indigenista no Brasil. Presidente Prudente, 2023, 135 p. Dissertação - Unesp, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/243434>>. Acesso em: 16 dez. 2024.

CARVALHO, J. A. Território e trajetória Krenak – o olhar geográfico de uma disputa de narrativas. Presidente Prudente, 2021. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/210897>> Acesso em: 16 dez. 2024.

CHMYZ, I. Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. Cadernos de Arqueologia, Ano I; n° 1, 1976.

FACCHINI, M. R.; NEVES, R. M. G. As reduções jesuíticas dos guaranis (1610-1768): Uma utopia evangelizadora. História da evangelização na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 30-41.

FACCIO, N. B. A complexidade dos sistemas de assentamentos ameríndios no Planalto Ocidental Paulista vistos a partir da arqueologia: a contribuição do LAG/MAR. In: Revista Confins, USP, São Paulo - SP, 2019. Disponível: <http://journals.openedition.org/confins/21188>. Acesso em: 23 de nov de 2020.

FACCIO, N. B. Arqueologia dos Cenários das Ocupações Horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema -SP. São Paulo: FFLCH/ USP, 1998.

FACCIO, N. B. Arqueologia Guarani na Área do Projeto Paranapanema: estudo dos sítios de Iepê, SP, V. 1 e 2 (Livre docência em Arqueologia) São Paulo, MAE/USP, 2011.

FACCIO, N. B. Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/ USP, 1992.

FACCIO, N. B. Paisagens dos sítios arqueológicos no Município de Iepê, Estado de São Paulo, Brasil. Relatório de pós-doutorado. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). 2017.

KASHIMOTO, E. M. Geoarqueologia no Baixo Paranapanema: Uma Perspectiva Geográfica de Estabelecimentos Humanos Pré-Históricos. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. USP, São Paulo, 1992.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. Cerâmica guarani. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LOURENÇO, L. A. B. A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861) [online]. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 353. ISBN 978-85-7078-516- 9. <https://doi.org/10.7476/9788570785169>.

LUGON, C. A República Comunista Cristã dos Guaranis (1610-1768). Trad: Álvaro Cabral. Rio: Paz e Terra, 1968.

MACHADO, N. A Redução de nossa senhora do Caçapamini (1627-1636): o impacto da missão sobre a população indígena. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

MONTOYA, A. R. Conquista Espiritual – feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Uruguai e Tape. Porto Alegre: Martin Livreiro, 1985.

MORAIS, J. L. Perspectivas geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista. Erechim: Habilis. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002220645>. Acesso em: 16 dez. 2024. 2011.

NACUZZI, L. Leyendo entre líneas: una eterna duda acerca de las certezas. En: Visacovsky, Sergio y Rosana Guber (comp.) Historias y estilos de trabajo de campo en la Argentina: 229-262. Buenos Aires, Antropofagia, 2002.

RIOS, L. C. M.; CINTRA, J. P. Análise da Carta Geral das Bandeiras Paulistas e suas deficiências. In: Atas do VIII Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. Porto, Portugal, 2019. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18297.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2024.

SANTOS, B. M. S. As reduções jesuíticas e a influência/interferência na cultura material Guarani dos estados do Paraná e de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2024.

SANTOS, B. M. S. O estudo tecnotipológico da cerâmica Guarani dos Sítios Arqueológicos Castelinho, Alvim e Taquaruçu da área do Alto Rio Paraná - SP / Beatriz Mercês de Souza dos Santos. -- Presidente Prudente, 2022.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. EDUSP, 2002.

SILVA, A. L. F. Reduções Jesuítico-Guarani: espaços de diversidade étnica/André Luis Freitas da Silva. – Dourados, MS: UFGD, 2011.

SILVA, M. W. A formação de territórios ferroviários no Oeste Paulista, 1868-1892. 2008. 311 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

SILVA, M. W. A Geografia e o estudo do passado, in: Terra Brasilis [Online], 1 | 2012, posto online no dia 05 novembro 2012. Disponível em: URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/246>; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.246>. Acesso em: 16 jan. 2025.

TAUNAY, A. d'E. História do Café no Brasil. Volume duodécimo. No Brasil República 1906 - 1927 (Tomo II). Departamento Nacional do Café. Rio de Janeiro - Brazil. 1941. Disponível em: <https://ia600402.us.archive.org/9/items/historiadocafnob1939vol10/historiadocafnob1939vol10.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2024.

TAUNAY, A. d'E. História Geral das Bandeiras Paulistas. Escripta á vista de avultada documentação inédita dos Archivos Brasileiros, Hespanhoes e Portuguezes. Tomo Segundo. TYP. IDEAL - HEITOR L. CANTON. Rua Ribeiro de Lima, 22. S. Paulo. 1925.

TAUNAY, A. d'E. História geral das bandeiras paulistas. Tomo primeiro. São Paulo. TYP. IDEAL - HEITOR L. CANTON v.1, 1924.

TAUNAY, A. d'E. Pequena História do Café no Brasil (1727 - 1937). Departamento Nacional do Café. Rio de Janeiro - Brazil. 1943.

TAUNAY, A. E. Ensaio de Carta Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1937. (1922).

THOMAZ, R. C. C. Arqueologia da influência jesuítica no baixo Paranapanema: o estudo do sítio Taquaruçu. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Acesso em: 16 dez. 2024.

ZUSE, S. Os Guarani e a Redução Jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do Sítio Pedra Grande e entorno. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2009. DOI:10.11606/D.71.2009.tde-12082009-154227. Acesso em: 16 dez. 2024
